

O alto-falante anuncia: "14 horas e 15 minutos. Plataforma 4." O homem deposita a mão no apoio da cadeira e olha para a máquina de registrar. "Aguarde aviso de embarque pelo alto-falante". O homem deposita o cigarro na boca e lê o jornal. Uma música ao longe, o ruído dos motores, uma campainha toca, o som desordenado dos passos, talheres e pratos se chocam, novamente o som desordenado dos passos. A multidão de homens e mulheres encostados junto à amurada. O homem coloca o cigarro na boca, a mulher ajusta o óculos sobre o nariz. O homem senta, retira um papel do bolso, lê, levanta-se, e sai. Um velho percorre com o olhar os bancos vazios, segue o caminho formado por eles, senta-se puxando com a ponta dos dedos o vinco da calça, deposita a mão e o braço sobre o apoio da cadeira, cruza as pernas, agita a ponta do pé direito, olha para o homem que lê jornal, olha para a máquina de fazer sorvete. As pequenas lojas dispostas em série. A primeira: balas, bombons, drops, chocolates, biscoitos, doces. A segunda: balas, bonecas, gravatas, boinas, carrinhos de brinquedo, perfumes, sabonetes, talcos, calças para crianças, chapéus, bibelôs, estatuetas de madeira, aviões de plástico, cestas, tubos de dentifrício. Terceira: colares, *soutiens*, maiôs, blusas, bibelôs, combinações, ligas, meias, pulseiras, brincos. "14 horas e 30 minutos. Plataforma 4." "14 horas e 30 minutos. Plataforma 4." "Atenção." "Atenção." "Atenção." "Atenção." "Atenção."

Cícero olhou para a mesa e disse: "Estas são as suas coisas?" Cícero perguntou com espanto. Eu percebi um certo rancor de Cícero por mim. Nos primeiros instantes eu reagi a este rancor de Cícero, mas logo em seguida concluí: "Sim. São estas as minhas coisas." Cícero acrescentou: "Não... eu pensei que..." Eu percebi que Cícero não iria dizer mais nenhuma palavra. Eu e Cícero

permanecemos em silêncio. Cícero interrompeu o silêncio: "Mas você não fez nenhum plano?" Eu respondi: "Ah!... sei. Um projeto você quer dizer?" Cícero remexeu com os dedos as minhas coisas e disse: "Não está mal, mas..." "Mas, o quê?", perguntei. Cícero continuou: "Eu acho que você não entende o jogo." "Não entendo?..." Cícero olhou para mim perplexo e cruzou os braços.

Ele descia a rua. Era uma rua cercada de prédios idênticos e regulares, uma coloração cinza tingia as paredes e este tom uniforme era interrompido pelos vidros que refletiam a coloração do céu igualmente cinzento. Ele não recorda bem se ele chegou e o pai já se encontrava naquela rua, ou eles, pai e filho, chegaram juntos. Deveria ser um domingo, a rua estava vazia. Entraram os dois no elevador. O pai silencioso, o filho silencioso. Abandonaram o elevador e entraram numa saleta volteada de cadeiras. O pai empurrou a porta de vidro onde estava escrito: "Consultório médico", e entrou. A mulher fez um gesto e entrou no consultório. O médico abriu a porta. Avental branco, óculos sobre o nariz, face rosada... o médico entregou uma folha de papel onde estava escrito e impresso o resultado dos exames de sangue. O pai olhou para o papel, olhou para o médico, e disse: "O trabalho do senhor. Quanto custa?" O médico respondeu uma quantia e o pai perguntou se ele não poderia fazer um abatimento. O médico disse que não era possível um abatimento; o preço era justo. Ele estava impaciente e não compreendia a razão da insistência do pai; o preço não era elevado e a redução proposta pelo pai era insignificante. Mas o médico insistia em ser intransigente; o preço do exame de sangue deveria ser mantido. O pedido do pai não visava uma diminuição do preço, já que a quantia proposta era insignificante. O médico continuava negando; e este negar servia objetivamente ao desejo

do pai que acrescentava a cada negação do médico uma nova insistência. A voz do pai era na forma de lamento. O pai abandonou o consultório acompanhado pelo filho. O pai e o filho desceram a rua, dobraram a esquina e o pai disse: "Você não precisa ir para casa. Se quiser ficar na cidade..." O pai silenciou alguns instantes, olhou a mão, acariciou a mão, e disse ao filho: "A minha mão..." O filho respondeu: "Eu fico na cidade." O pai acariciou a mão, limpando os fragmentos de pele seca que se acumulavam sobre ela; e repetiu : "Você fica na cidade..." O pai enfiou as duas mãos nos bolsos do paletó e entrou no ônibus. O ônibus cerrou a porta automaticamente e partiu. Ele permaneceu alguns instantes perdido em divagações, virou o rosto, olhou para o monumento, e atravessou a rua.

Um morro de pedra, a forma é arredondada terminando numa ponta. Sobre o cume do morro repousa uma edificação retangular; um pequeno edifício. A silhueta do morro contorna o azul; o verde tinge algumas partes, umas feitas de florestas, outras, de uma vegetação rasteira. O operário carrega um pneu; ao seu lado, outro operário carrega uma caixa nos ombros. Umás construções de madeira, espécie de depósito ou galpão, cercam uma grande área de terra batida. Uma cor amarelada, com pequenos tufo de vegetação. Um tambor jaz no centro desta imensa área de terra; a ferrugem cobre toda a superfície. A haste vertical dos postes elétricos. Montículos de terra e detritos estão colocados ao lado de uma caixa d'água que é sustentada por uma armação de madeira.

– Naturalmente que... acontece que, a porcentagem dos associados. (aplausos) Agora; faz uma semana... não foi aprovado, se não for aprovado... devemos, parece que... foi o seguinte, um novo currículo, optar... mais algumas coisas a dizer... saber se

outros têm necessidade de falar, seria interessante outras oportunidades. (aplausos) Um assunto de máxima controvérsia... agora digo eu, todos os partidos são subjugados... qual é o objetivo deles... conseguir o governo... proibir... tem que ser tratado... nós devemos... todos nós discordamos. (risos) Meu pai foi encarcerado... não se pode... então o... o clamor... de maneira legal... outra explosão não estou discutindo, não podemos ser... as brigas internas políticas. (risos) Não virá... mas nós vamos levantar. (aplausos) O meu objetivo é colocar o problema... a partir... eu queria fazer... primeiramente, no Brasil... democratizar... no sentido mais geral... ela tem um objetivo. A permanência... que seja... façam parte dela...

\*

## Prefácio de Carlos Heitor Cony

A primeira constatação, após a leitura deste romance, é positiva: ganha a literatura brasileira um novo criador. Não se trata de um simples escritor, que escritores há muitos, inclusive alguns que se dedicam ao romance ou ao conto. Mas *Lugar Público* revela sobretudo um criador, um artista que, através de moderno e bem informado artesanato literário, consegue construir o seu universo peculiar e universal: para ser mais exato, seu universo particularmente universal.

É – ao que me informaram – um estreante. Aqui e ali, neste romance, podemos encontrar alguma indecisão técnica, alguma imprecisão de linguagem. Mas indecisões ou imprecisões desapareceram no alentado texto deste romance de estréia. O que fica: o poderoso fabular, o caótico mundo de um mundo caótico, a obstinação do escritor em criar, um criar sempre, a todo custo. Um saldo – como vemos – mais do que positivo.

Seria lícito apreciarmos, como abordagem interpretativa, as influências – evidentes ou suspeitadas – deste novo criador. Desprezando os lugares-comuns da narrativa, abolindo o relato linear, misturando planos objetivos e subjetivos, sente-se, logo às primeiras páginas, a presença de um escritor incomum. Sua frase, monótonamente curta, pode ser argüida de “fácil”. Houve, com efeito, uma época em que escritores comodistas abusavam do ponto-palavra-ponto. Da frase-período. A facilidade do recurso revelava tão somente a pobreza da linguagem. Não é este o caso do autor de *Lugar Público*. A sua economia sintática, a sua construção sincopada, em blocos, lembram evidentemente, o *roman du regard*. Ignoro se o autor conhece ou não os romances e ensaios de Allain Robbier-Grillet. Mas gostaria de citar um trecho altamente adequado à linguagem e à técnica de *Lugar Público*:

“Il n’est pas rare en effet, dans ces romans modernes, de reconstruire une description qui ne parte de rien; elle ne donne pas d’abord une vue

d'ensemble, elle parait naitre d'un menu fragment sans importance à partir duquel invente des lignes, des plans, une architecture; et on a d'autant plus l'impression qu'elle les invente que soudain elle se contradit, se répète, se reprend. Bifurque, etc. Mais les lignes, du dessin s'accumulent, se surchargent, se nient, se éplacent, si bien que l'image est mise en doute à mesure qu'elle se construit". (A Robble-Grillet: POUR UM NOUVEAU ROMAN, Les Editions de Minuit, p.127).

A exatidão com que o autor levanta a sua própria arquitetura repele a hipótese de um mero acaso: o romancista de *Lugar Público* deve, realmente, estar a par das modernas teorias da técnica literária.

Desprezando a parte técnica, isolando aquilo que poderíamos chamar de *conteúdo*, ainda aqui estamos diante do que se poderia suspeitar uma influência do que de mais moderno existe em matéria de ficção. Temos, no Brasil, um grande romancista de que se poderia suspeitar uma influência no autor: Campos de Carvalho. Mas prefiro ir mais longe, buscando em Henry Miller, no Sartre de SURSIS – principalmente o de SURSIS – os aparentes influenciadores na visão espessa e irritada deste novo romancista.

Como autor de romances, divirto-me, às vezes, em ver esforços de alguns críticos buscando situar minhas origens e influências. É possível que o autor de *Lugar Público* também se divirta com esta tentativa de minha parte, tentativa que não é crítica, mas simples e ingenuamente aproximativa. Ou informativa.

Pois deixando de lado Robbe-Grillet, Miller ou Sartre, é preciso reconhecer o óbvio – e aqui escrevo o nome do autor: é preciso reconhecer José Agrippino de Paula. Ignoro se trata de um jovem – embora tudo pareça jovem em seu romance, em sua visão de mundo. E acredito que todos os que escrevemos e lemos neste País tenhamos orgulho em poder saudar um criador que vem para a arena tão bem dotado, apresentando não uma

hipotética promessa, mas uma realidade cujos contornos, muito em breve, a crítica e o público deverão precisar e consagrar.

*Carlos Heitor Cony, 1964*